

TEORIA DA DESCENDÊNCIA COM LENTAS MODIFICAÇÕES EM *A ORIGEM DAS ESPÉCIES* DE DARWIN: UMA ANÁLISE SEMÂNTICA

André Campos Mesquita*

- **RESUMO:** Este estudo visa analisar os sentidos do termo *descendência com lentas modificações* na obra *A origem das espécies por meio da seleção natural*, do naturalista britânico Charles Darwin, em seu domínio semântico de determinação. O referido termo foi substituído pela expressão *teoria da evolução* na sexta e última edição da obra, marcando o único ponto em que a palavra *evolução* substituiu outro termo em toda a produção do naturalista inglês. A análise de descendência com lentas modificações e de sua substituição possibilita compreender as determinações de sentido atribuídas à teoria da evolução na obra. Será feita ainda uma análise dos termos *descendente*, *modificação* e *lenta* na mesma obra com o objetivo de verificar como essas expressões funcionam independentemente. O método de análise proposto baseia-se na *Semântica do acontecimento*, conforme desenvolvida por Eduardo Guimarães em seu livro homônimo (2002). Para elucidar os sentidos do termo descendência com lentas modificações na obra, a intenção é examinar seu funcionamento semântico-enunciativo e sua relação com outros termos do livro.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Descendência com lentas modificações; Teoria da evolução; A origem das espécies; Charles Darwin; Semântica do Acontecimento.

Introdução

Este artigo tem como objetivo analisar os sentidos da expressão *descendência com lentas modificações* (*descent with slow modification*) presente na obra *A origem das espécies por meio da seleção natural, ou preservação das raças favorecidas na luta pela vida* (*On the Origin of Species by Means of Natural Selection, or the Preservation of Favoured Races in the Struggle for Life*) – doravante *A origem das espécies* – de Charles Robert Darwin. Serão analisadas ainda as expressões *descendente* (*descent*) e as relações de sentido que a expressão *lenta* (*slow*) e *modificação* (*modification*) estabelecem entre si nos textos de Darwin. A finalidade é explorar e compreender os significados associados a essas expressões quando enunciados relativamente à *teoria*

* Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Professor Adjunto. acmesq@gmail.com.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9896-9378>

da evolução. A expressão *descendência com lentas modificações* foi especificamente selecionada no conjunto da obra de Darwin por ter sido substituída por *evolução* (*evolution*) a partir da sexta edição da obra.

O desenvolvimento científico está vinculado à linguagem e à criação de terminologias específicas para descrever novas teorias, descobertas ou conceitos. Conforme Bakhtin (1992), toda atividade humana está inerentemente ligada ao uso da linguagem. A multiplicidade das atividades humanas corresponde à diversidade de usos linguísticos associados a elas. Isso não implica afirmar que sempre que uma nova atividade humana emerge, haja a criação imediata de uma linguagem correspondente a ela. A atividade humana e o uso da linguagem a ela relacionado surgem simultaneamente, em um entrelaçamento único e indissolúvel. É impossível para o ser humano criar algo sem recorrer à linguagem (Bakhtin, 1992).

Essa relação intrínseca entre linguagem e atividade humana revela que a linguagem não apenas comunica ideias – ou, neste caso, descobertas científicas –, mas também molda a própria criação e desenvolvimento dessas ideias. É por meio da linguagem que conceitos complexos são expressos, analisados e debatidos no contexto científico, formando a base do conhecimento humano.

Para Benveniste (1989, p. 252), a “história particular de uma ciência se resume na de seus termos específicos”. A organização e confecção de uma terminologia própria marca um momento definitivo na história de uma ciência. As teorias científicas, assim como as diversas atividades humanas, especificam seus objetos dando-lhes nomes próprios. Palavras e expressões preexistentes são adotadas e reinterpretadas para designar inovações científicas. Um exemplo que embasa essa afirmação é a palavra *evolução*, que – também empregada em contextos gerais – foi usada para designar a teoria de Charles Darwin sobre a origem das espécies por meio da seleção natural. A teoria de Darwin foi sendo difundida na mesma proporção em que conceitos como *evolução*, *seleção natural*, *luta pela sobrevivência*, *descendência com modificações*, entre outros, eram estabelecidos no seu léxico científico corrente na segunda metade do século XIX. “Denominar, isto é, criar um conceito, é, ao mesmo tempo, a primeira e última operação de uma ciência” (Benveniste, 1989, p. 252)

Desenvolvimento

A obra escrita de Darwin passou por um desenvolvimento ao longo das edições, refletindo o amadurecimento e aprimoramento de suas ideias. A cada nova edição, ele não apenas refinava conceitos, como também reestruturava o conteúdo, introduzindo novos termos, removendo seções e até mesmo modificando o título da obra. O processo de introdução do termo *evolução* na obra *A origem das espécies* exemplifica a dinâmica de alteração de um trabalho que gradualmente desenvolve um vocabulário específico. Inicialmente ausente em todo o texto da primeira edição de 1859 e ausente nas cinco primeiras edições subsequentes, a palavra foi incorporada apenas na sexta

e última edição, publicada em 1872. Apesar dessa ausência inicial, o termo *evolução* eventualmente se consolidou como a principal designação da teoria darwinista.

Ainda que tenha surgido apenas sete vezes em todo o texto da sexta e última edição, a presença do termo *evolução* representa uma alteração que merece ser estudada. Em um caso específico, ela aparece em substituição à expressão “descendência com lentas modificações”. Esse fato não apenas ilustra o desenvolvimento do vocabulário e a busca por uma terminologia mais precisa, mas também espelha a consolidação e a crescente aceitação da ideia evolutiva.

Este artigo se propõe a analisar o termo por meio de um enfoque enunciativo com base na relação que a língua estabelece com o interdiscurso do texto. A análise proposta será fundamentada na Semântica do acontecimento, tal como formulada em livro homônimo de Eduardo Guimarães (2002). Para compreender os sentidos de descendência com lentas modificações dentro da obra, pretende-se analisar o seu funcionamento semântico-enunciativo com o restante do texto. Serão observadas as determinações semânticas que os termos recebem nos movimentos textuais de reescrituração, isto é, de redizer da palavra, e de articulação, isto é, de contiguidade local.

Como o *corpus* do trabalho é em inglês e o artigo é escrito em português, serão apresentados o trecho na língua original e uma tradução para o português feita pelo pesquisador. A análise terá base na tradução, mencionando o termo em inglês, no intuito de melhor orientar o leitor sobre as relações de sentido estabelecidas entre o termo analisado e outras expressões no texto. Para avaliarmos a qualidade da nossa tradução, utilizamos como ponto de referência trabalhos de tradução profissional da obra como a de Daniel Miranda (Darwin, 2018); Carlos e Anna Duarte (Darwin, 2014); Eugênio Amado (Darwin, 2002) e Ana Afonso (Darwin, 2009).

Essa referência levou em conta como traduzir a expressão *descent with slow modification*. Embora a palavra *modification* esteja no singular no original em inglês, as duas traduções da primeira edição consultadas, de Daniel Miranda (Darwin, 2018) e Eugênio Amado (Darwin, 2002), optam por utilizar a forma no plural: *modificações*. Miranda (Darwin, 2018, p. 306) traduz como *descendência com lentas modificações*, enquanto Amado (Darwin, 2002, p. 246) utiliza *descendência com modificações ligeiras*. A escolha de Miranda em empregar *descendência com lentas modificações* parece ser uma abordagem mais apropriada para esta análise. Além de levar em conta que os termos são apresentados na mesma ordem do original, essa opção se justifica pela consideração de que o plural preserva a ideia de mudanças graduais e contínuas presentes no texto original em inglês.

As expressões aqui analisadas fazem parte de um vocabulário terminológico, ou seja: da terminologia de *A origem das espécies* de Darwin. Por *terminologia*, depreende-se o “[...] conjunto de termos que representa um sistema de conceitos de uma subárea específica” (Norme ISO 1078, *apud* Alves, 1998, p. 26).

Os *termos* desempenham um papel semântico-enunciativo dentro de uma terminologia específica. Ao analisar as relações entre os termos nos textos – isto é, as conexões entre palavras e expressões contíguas – é possível avançar na compreensão

dos sentidos no contexto da enunciação. A *terminologia* constitui o alicerce linguístico de uma disciplina científica, sendo formada por um conjunto específico de *termos*. Essas expressões, frequentemente utilizadas no âmbito científico, estabelecem uma linguagem própria compartilhada pelos especialistas de um determinado campo do conhecimento. Os *termos* desempenham um papel crucial não apenas na facilitação da comunicação entre os cientistas, mas também são percebidos como um esforço coletivo para buscar precisão e consistência nas discussões, investigações e na transmissão do conhecimento dentro da comunidade científica.

As análises apresentadas neste artigo estão inseridas no contexto das semânticas do acontecimento. Dentro desse domínio, destaca-se a influência dos estudos de Guimarães (2002, 2007, 2010, 2012), cujas teorias se configuram como uma ferramenta efetiva para abordar a semântica no âmbito do texto escrito. Especificamente, no contexto deste *corpus*, o enfoque recai sobre o texto de uma obra pertencente ao gênero científico.

Serão observadas e analisadas as *determinações semânticas* que um termo recebe nos movimentos textuais de *reescrituração*, nos modos de se *redizer* uma palavra, na *articulação* que estabelece com outras expressões na contiguidade local; ou seja: nas *relações de sentido* que uma expressão tem com as outras no enunciado. De acordo com Guimarães (2007, p. 84), “A reescrituração é o procedimento pelo qual a enunciação de um texto rediz insistentemente o que já foi dito fazendo interpretar uma forma como diferente de si. Este procedimento atribui (predica) algo ao reescriturado”. Conforme Guimarães (2007, p. 84):

[...] ‘procedimentos de articulação’ diz respeito às relações próprias das contiguidades locais. De como o funcionamento de certas formas afeta outras que elas não redizem. Estes procedimentos enunciativos são próprios de relações no interior dos enunciados ou na relação entre eles. Por exemplo, as relações de predicação e referência (no enunciado), a pressuposição, as relações argumentativas. Ou seja, aqui aparece boa parte do que as semânticas da frase têm procurado fazer. A diferença para mim é que as articulações têm que ser reportadas às reescriturações, assim como não se reduzem ao limite dos enunciados, mas também às suas articulações.

Em uma *análise semântica* de uma palavra específica empregada em um texto, é necessário encontrar pontos que se conectem entre os enunciados encadeados que compõem esse texto. Faz-se necessário observar de que modo o termo é reescrito ou redito nos enunciados.

No contexto do grupo substantivo + adjetivo, por exemplo, o adjetivo pode desempenhar tanto uma função explicativa quanto especificativa. Vamos supor que se queira analisar as determinações de sentido da expressão *enormes rochas sedimentares* em um enunciado específico. Nesse caso, o adjetivo *enormes* possui uma função explicativa, pois não cria uma classe menor dentro da categoria das rochas sedimentares;

ele apenas expressa propriedades inerentes às rochas do enunciado. Por outro lado, o adjetivo *sedimentares* é especificativo, pois tem a função de distinguir um tipo específico de rocha dos demais tipos. Ambos são elementos que funcionariam como determinante dos sentidos de *rochas* no enunciado analisado.

Para se estabelecer um *Domínio Semântico de Determinação* (DSD) do termo *descendência com lentas modificações*, delimitamos expressões que estabelecem relações de sentido com essa expressão por meio das relações de contiguidades no texto. Em seguida, passamos a analisar os movimentos textuais de reescrituração, isto é: como essas palavras são ditas, reditas, predicadas, adjetivadas etc. no interior do texto.

É possível, por meio dessa teoria, ligar pontos de um texto com pontos de outro texto no interior da obra. Os movimentos textuais produzem sentidos na medida em que retomam, redizem, qualificam, afirmam, ou contrapõem expressões entre si, fazendo com que ela signifique de outro modo (Guimarães, 2002). A abordagem metodológica de Guimarães oferece a capacidade de transitar entre os trechos analisados, permitindo a observação de movimentos de reescrita, tais como a inserção e exclusão de novos termos, a substituição de um termo por outro, bem como o apagamento de expressões. Essa metodologia proporciona uma compreensão das relações de sentido nos desdobramentos textuais que as palavras experimentam nos acontecimentos enunciativos.

Conforme Guimarães (2007, p. 126), o sentido de um termo se constitui dentro de um enunciado e na relação desse enunciado com o texto; ele se estabelece na medida em que o acontecimento constitui o falante como locutor. Por essa razão, para se estabelecer o seu DSD, deve-se também levar em conta a caracterização e a posição social do locutor, pois ele está socialmente significado no enunciado como aquele que enuncia. Deve-se tomar as sentenças como relativas às condições de produção em que foram enunciadas; ou seja: tomadas como inseridas em um processo sócio-histórico. Esse campo de estudo do sentido não tem como objeto o autor, mas o sujeito do discurso. O sujeito não é um indivíduo que toma a palavra de modo onisciente para dizer o que quer. Pêcheux (1995) argumenta que o sujeito é constituído no e pelo discurso, ou seja, não é uma entidade pré-existente que tem total controle e domínio sobre seus dizeres. Pêcheux destaca que o sujeito é atravessado por formações discursivas e ideológicas, e sua subjetividade é moldada por essas influências.

Essa perspectiva considera não apenas o locutor em si, mas também o contexto mais amplo no qual ocorre ou acontece o enunciado. Isso inclui não apenas a identidade de Darwin como cientista, mas também o ambiente científico e social da época. Darwin, nesse contexto, é entendido como o locutor e, ao mesmo tempo, como sujeito situado historicamente, que se expressa por meio dos enunciados de seu trabalho científico.

O acontecimento da enunciação é, dentro dessa perspectiva, um fato simbólico. Em outras palavras, a posição social do locutor é um fator essencial para se analisar o sentido como algo socialmente constituído no acontecimento da enunciação. O acontecimento faz sentido porque expõe a língua em funcionamento à sua exterioridade enquanto exterioridade significante, histórica, e não física.

Conforme Guimarães (2007), a partir das relações de sentido presentes nos textos dos enunciados, é possível construir gráficos – denominados aqui DSD –, utilizando alguns sinais específicos. No centro desse gráfico, aparecerá o termo analisado em negrito, cercado pelos seus determinantes de sentido. Os sinais usados são: \vdash ou \dashv ou \perp ou \top (que significam determina, por exemplo, $x \vdash y$ significa x determina y , ou $\dashv y$ significa que x é determinado por y); $-$ que indica sinonímia ($x - y$ significa que x e y estão em relação de sinonímia; e um traço como $—$ dividindo um domínio indica relação de antonímia. Um traço separando x e y , deve ser lido: x está em relação de antonímia com y .

O Domínio Semântico de Determinação de teoria da descendência com lentas modificações (*theory of descent with slow modification*)

Nesta seção, será analisado um trecho específico da obra *A origem das espécies* em que há, a partir da sexta edição, a introdução do termo *evolução*. Conforme dito anteriormente, a expressão *evolução* não aparece nas cinco primeiras edições, sendo introduzida apenas a partir da sexta e última edição.

As modificações no texto de *A origem das espécies* refletem a dinâmica do processo intelectual de Darwin. Ele demonstrou um zelo meticuloso pelo aprimoramento contínuo da obra. Sua dedicação ao desenvolvimento do texto ia muito além da simples revisão, estendendo-se a modificações substanciais. Darwin não hesitava em cortar e inserir parágrafos inteiros, reformulando o conteúdo para refletir com precisão suas ideias. Sua abordagem não se limitava apenas à apresentação de suas próprias perspectivas, mas incorporava uma interação dinâmica com as objeções e debates científicos contemporâneos. O naturalista incorporou refutações a críticas que sua teoria vinha recebendo, transformando cada edição em um registro vivo e evolutivo das discussões científicas da época.

Na sexta edição, o termo *evolução* irá aparecer sete vezes em todo o livro. Em seis ocasiões, são trechos novos de estudos que foram inseridos na edição.

Quadro 1 – Palavra *Evolution* e derivações na sexta edição de (*Sobre*) *A origem das espécies* (em destaque o trecho que será analisado nesta seção)

P. Ed. 1872	Como está na ed. 1872	Como estava na ed. 1859
189	It is admitted by most <i>evolutionists</i> that mammals are descended from a marsupial form.	parágrafo novo
201	At the present day almost all naturalists admit <i>evolution</i> under some form.	trecho novo
201	That species have a capacity for change will be admitted by all <i>evolutionists</i> ; but there is no need [...]	trecho novo
201	Every one who believes in slow and gradual <i>evolution</i> [...]	trecho novo
202	This difficulty, as in the case of unconscious selection by man, is avoided on the theory of gradual <i>evolution</i> [...]	trecho novo
215	Mr. Hudson is a strong disbeliever in <i>evolution</i> [...]	trecho novo
282	[...] the fact would be fatal to the theory of <i>evolution</i> through natural selection.	[...] the fact would be fatal to the theory of descent with slow modification through natural selection.
424	I formerly spoke to very many naturalists on the subject of <i>evolution</i> [...]	trecho novo linha 7
424	It is probable that some did then believe in <i>evolution</i> [...]	trecho novo linha 9
424	[...] almost every naturalist admits the great principle of <i>evolution</i> .	trecho novo linha 12

Fonte: Darwin (1859, 1872)

A seguir, faremos uma comparação entre a primeira edição de 1859 e a sexta de 1872, destacando os trechos excluídos com tachados e os trechos inseridos com sublinhados. A substituição analisada neste artigo foi destacada em negrito.

Excerto 1

Original	Nossa tradução
<p>The abrupt manner in which whole groups of species suddenly appear in certain formations, has been urged by several palæontologists – for instance, by Agassiz, Pictet, and by none more forcibly than by Professor Sedgwick, – as a fatal objection to the belief in the transmutation of species. If numerous species, belonging to the same genera or families, have really started into life all-at once, the fact would be fatal to the theory of descent with slow modification evolution through natural selection. For the development by this means of a group of forms, all of which have-<u>are</u> descended from some one progenitor, must have been an extremely slow process; and the progenitors must have lived long ages before their modified descendants. But we continually over-rate <u>overrate</u> the perfection of the geological record, and falsely infer, because certain genera or families have not been found beneath a certain stage, that they did not exist before that stage.</p>	<p>A maneira abrupta pela qual surgem em certas formações grupos inteiros de espécies tem sido considerada por diversos paleontólogos – entre outros Agassiz, Pictet e mais do que ninguém, pelo Prof. Sedgwick – como uma objeção fatal à crença na transmutação das espécies. Se numerosas espécies, que pertencem aos mesmos gêneros ou famílias, realmente surgiram todas de uma só vez, o fato efetivamente seria fatal à teoria da descendência com lentas modificações evolução por meio da seleção natural. De fato, o desenvolvimento <u>por esse meio</u> de um grupo de formas, tendo descendido <u>sendo descendentes</u> do mesmo ancestral, deve ter constituído um processo extremamente lento, e os ancestrais devem ter ainda vivido muito tempo antes do surgimento de seus descendentes modificados. Entretanto, continuamente super-estimamos <u>superestimamos</u> a perfeição dos registros geológicos e deduzidos erroneamente, devido ao fato de que certos gêneros e famílias não foram encontrados abaixo de determinada camada, que eles não teriam existido antes daquele período.</p>

Fonte: Darwin (1859, p. 302) e Darwin (1872, p. 282)

No excerto 1, é possível verificar o ponto exato em que Darwin substituiu a expressão *descendência com lentas modificações* por *evolução*. É a única ocasião em toda obra de Darwin em que a palavra *evolução* entra para substituir uma expressão já existente.

O quadro a seguir oferece uma análise detalhada das diferenças entre a primeira edição, lançada em 1859, e a sexta edição, publicada em 1872, da obra *A origem das espécies*. A primeira coluna destaca como o texto foi originalmente escrito, enquanto a segunda coluna mostra as modificações encontradas na sexta edição. A terceira coluna fornece uma explicação concisa das mudanças observadas.

Quadro 2 – Comparação dos textos do Excerto 1 entre a 1ª ed. e a 6ª ed.

Como está na 1ª ed. 1859	Como está na 6ª ed. 1872	O que mudou
[...] for instance, by Agassiz, Pictet, and by none more forcibly than by Professor Sedgwick [...]	[...] for instance, by Agassiz, Pictet, and Sedgwick [...]	Exclusão da expressão and by none more forcibly than by Professor
For the development of a group of forms, all of which have descended from some one progenitor [...]	For the development by this means of a group of forms, all of which are descended from some one progenitor [...]	Inclusão da expressão by this means e troca da locução verbal have descended por are descended
[...] the progenitors must have lived long ages before their modified descendants. But we continually over-rate the perfection of the geological record [...]	[...] the progenitors must have lived long before their modified descendants. But we continually overrate the perfection of the geological record [...]	Exclusão da palavra ages e a palavra overrate passou a ser grafada sem hífen.

Fonte: Darwin (1859, p. 302) e Darwin (1872, p. 282)

A *Semântica do Acontecimento* tal qual proposta por Guimarães (2002) leva em consideração que o principal aspecto que envolve a significação são as relações de sentido estabelecidas no *acontecimento da enunciação*. É desse modo que a significação se constrói linguisticamente: “a significação é produzida *no e pelo* acontecimento da enunciação” (Guimarães, 2007, p. 77, grifo nosso).

Em *A origem das espécies*, as relações entre palavras e termos científicos nos conduzem a tomá-las, por vezes, como sinônimos, homônimos, antônimos, hipônimos ou hiperônimos. Dentro desse mesmo texto, poderemos, ainda, encontrar relações entre termos que nos levem a compreendê-los como ambíguos ou polissêmicos.

O estudo das relações de sentido deve ser tomado referencialmente ao acontecimento da enunciação. Isso não exclui, contudo, que as análises levem em consideração a referência, isto é: a relação das palavras com aquilo que está fora delas. Nesse caso, quando se analisa o trecho anterior, podemos ser levados a entender a expressão *teoria da evolução* (usada na edição de 1872) como sinônima de *teoria da descendência com lentas modificações* (da edição de 1859), quando – e somente quando – esta foi substituída pela primeira.

Quadro 3 – Substituição a partir da sexta edição de *A origem das espécies*

Original: [...] the theory of descent with slow modification <i>evolution</i> through natural selection [...]
Tradução: [...] a teoria da descendência com lentas modificações <i>evolução</i> por meio da seleção natural [...]

Fonte: Darwin (1859, 1872)

Uma vez que assumimos que o DSD se estabelece por meio das relações de contiguidades locais e, conforme demonstrado no Quadro 2, não há nenhuma alteração terminológica no trecho além da troca mencionada no Quadro 3, entende-se que o DSD para a expressão *descendência com lentas modificações* é o mesmo que para *evolução*. Entretanto, elas não são *sinônimas*, pois não se pode dizer que tenham o mesmo *sentido*.

Frege (1978, p. 67) afirma que se substituirmos uma palavra de uma “[...] sentença por uma outra que tenha a mesma referência, mas sentido diferente, isto não poderá ter nenhuma influência sobre a referência da sentença [...]”. Para Frege, a referência de uma sentença é a sua condição de verdade (o verdadeiro ou o falso). A mudança feita no Quadro 3 não teria efeito sobre a referência da sentença em si, pois não altera o seu valor de verdade. Todavia, Frege adverte que nesse caso o *pensamento* mudaria. Ele cita como exemplo duas sentenças sobre o planeta Vênus. Em uma delas se emprega a expressão *Estrela da Manhã* para designar o planeta; e outra emprega a *Estrela da Tarde*. Ambas as expressões têm como referência o mesmo objeto celestial, por isso não alterariam a referência da sentença como um todo. As sentenças, entretanto, não têm o mesmo sentido.

A mudança de sentido pode ser percebida quando se considera que alguém – que não sabe que a referência de *Estrela da Manhã* é a mesma que *Estrela da Tarde* – pode ser levado a considerar uma das sentenças verdadeira e a outra falsa. O que muda nesse caso não é a referência da sentença, que continua a mesma independentemente do que um indivíduo considera como verdadeiro ou falso. O que muda nesse caso, para Frege, é o pensamento. O pensamento da sentença “a Estrela da Manhã é um corpo iluminado pelo sol” é diferente do da sentença “a Estrela da Tarde é um corpo iluminado pelo sol”.

Isso marca a distinção entre referência e sentido na linguagem. A ideia central é que, mesmo que as duas expressões nas duas sentenças mencionadas tenham a mesma referência (ou seja, se referem à mesma entidade no mundo), elas podem ter sentidos diferentes. Frege argumenta que essa diferença de sentido é crucial para entender o papel do pensamento na linguagem.

A substituição feita por Darwin, ilustrada no Quadro 3, provoca um movimento de sentidos no texto. Embora, as expressões *descendência com lentas modificações* e *evolução* estabeleçam as mesmas relações de contiguidades com os demais termos do trecho e, por consequência, tenham o mesmo DSD, elas não são *sinônimas*, pois – retomando Frege – o pensamento ao tomar contato com as sentenças pode não ser o mesmo. Da perspectiva enunciativa – assim como da lógica de Frege –, ter o mesmo

DSD não significa ter o mesmo sentido, pois o sentido se dá no acontecimento da enunciação. Não é possível entender a substituição como uma modificação no mesmo enunciado; ela deve ser entendida também como um novo acontecimento enunciativo; uma vez que as condições de produção do enunciado são determinadas no interior do processo sócio-histórico.

A expressão *teoria da descendência com lentas modificações* por meio da seleção natural não reaparece em nenhuma outra parte do texto das cinco edições de *A origem das espécies* a não ser no Excerto 1, mostrado anteriormente. A partir da sexta e última edição, essa expressão não irá mais aparecer na obra.

Tomemos dois enunciados que fazem parte do Excerto 1, levando-se em conta que os elementos que compõem esses enunciados funcionam em virtude de sua integração com o texto:

- (1) A maneira abrupta como certos grupos inteiros de espécies aparecem repentinamente em certas formações, tem sido instado por diversos paleontólogos [...] como uma objeção fatal para a crença na transmutação das espécies.
- (2) Se numerosas espécies, que pertencem aos mesmos gêneros ou famílias, realmente surgiram de uma só vez, o fato efetivamente seria fatal à teoria da descendência com lentas modificações por meio da seleção natural [...].

As duas sequências apresentam argumentos muito parecidos: um evento x é fatal para tal crença ou teoria y.

Do mesmo modo que a *maneira abrupta do aparecimento de certas espécies* é fatal para a crença na *transmutação das espécies*; o surgimento repentino de diversas espécies de uma só vez é fatal para a *teoria da descendência com lentas modificações por meio da seleção natural*.

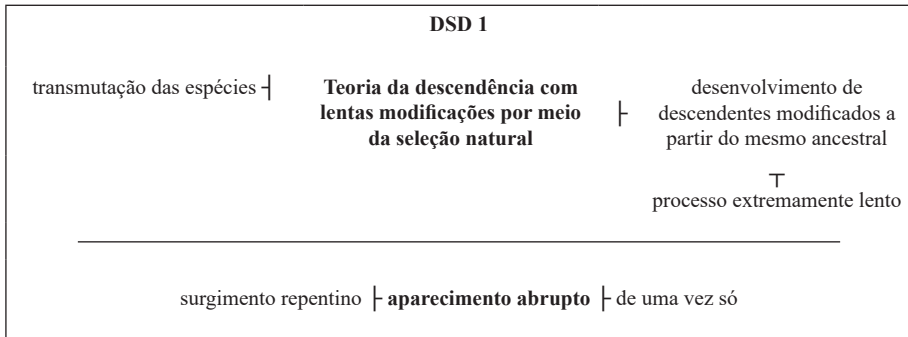
Desse modo, é possível afirmar que *teoria da descendência com lentas modificações por meio da seleção natural* é determinada por *transmutação das espécies*; sendo que essas duas expressões estão em relação de antonímia com as expressões: *surgimento repentino*, *aparecimento de maneira abrupta* e *aparecimento de uma vez só*.

No enunciado seguinte, verifica-se que a locução conjuntiva *por esse meio* retoma *teoria da descendência com lentas modificações por meio da seleção natural*. No mesmo recorte, “várias formas do mesmo ancestral” é reescrito por substituição na sequência do enunciado por “descendentes modificados”, o que me permite propor a seguinte paráfrase:

- (3) O desenvolvimento de descendentes modificados a partir do mesmo ancestral é (deve ser) um processo extremamente lento.

A expressão *desenvolvimento de descendentes modificados a partir do mesmo ancestral* é determinado por predicação por *processo extremamente lento*. Uma vez

que os enunciados estão integrados em uma unidade de significação maior, entendendo que *teoria da evolução* ou *teoria da descendência com lentas modificações* também são determinados por desenvolvimento de descendentes modificados a partir do mesmo ancestral. Com base no que foi exposto anteriormente, tem-se o DSD:



Teoria da descendência com lentas modificações por meio da seleção natural é então, nesse caso, desenvolvimento, um processo lento de transmutação em que descendentes são modificados a partir do mesmo ancestral. Essa ideia se opõe a *aparecimento repentino* ou *surgimento abrupto*. No DSD 1, poderíamos substituir a expressão central por *teoria da evolução* sem prejuízo para as determinações de sentido, mas não para o *pensamento* da sentença. A substituição só se tornou possível uma vez que nos meios acadêmicos a expressão *evolução* passou a ser aceita (Richards, 1992).

Para que o leitor tenha uma ideia geral sobre a relação que o Excerto 1 estabelece com o restante da obra, é conveniente explicar que Darwin está fazendo uma crítica àqueles que tomavam os registros fósseis como uma evidência de que as espécies teriam surgido todas de uma vez. Esses críticos se baseavam no fato de que sempre se encontrava a mesma espécie em profusão na mesma camada do solo, e nunca eram achadas espécies aparentadas em camadas inferiores. Isso era tido como uma evidência de que todas as espécies teriam surgido ou aparecido de uma vez. O que reforçava os dogmas bíblicos sobre a origem da vida. Darwin, no entanto, chamava atenção para a imprecisão dos registros fósseis. Ele afirmava que, assim como as espécies não surgem de *maneira abrupta*, as modificações não acontecem todas de uma vez. Pois a *evolução* é um processo extremamente lento e por consequência imperceptível quando se compara um indivíduo a seu ancestral imediato. A mudança nas características de uma população acontece gradualmente ao longo de várias gerações. Assim, seria natural que na mesma camada de solo fossem encontrados apenas indivíduos da mesma espécie.

Domínio semântico de determinação do verbo *Descender (to descend)*

Nessa seção, será analisado o verbo *descender (to descend)*. Nossa hipótese é que nas relações de sentido que o verbo estabelece com as expressões contíguas seja possível perceber sentidos que expressam um processo lento e gradativo.

Para Guimarães (2007), é possível analisar relações de sentido que existem entre palavras dentro do mesmo texto ou de textos afins. Deve-se entender que – se estas relações ocorrem – elas são uma construção da própria linguagem; e só é possível pensar na afinidade entre uma palavra e aquilo que ela significa ou designa em virtude da relação dessa palavra com outra.

Para analisar os sentidos da expressão mantida por Darwin – *descendência como modificações*, sem a palavra *lentas* –, foi selecionado em *A origem das espécies* o Capítulo VI, em que Darwin (1859, p. 171) apresenta as dificuldades da *teoria de descendência com modificações*, respondendo às objeções que lhe foram impostas pelos opositores. Na subseção desse capítulo, intitulada *Dificuldades da teoria da descendência com modificações (Difficulties on the theory of descent with modification)*, o naturalista relaciona algumas objeções de opositores da teoria e se propõe a debatê-las.

Na página 172, no quarto e no quinto parágrafos, tem-se:

Excerto 2

Original	Nossa tradução
Hence, if we look at <i>each species as descended from some [other]¹ unknown form</i> , both the parent and all the transitional varieties will generally have been exterminated by the very <i>process of formation and perfection of the new form</i> . But, as by this theory innumerable <i>transitional forms</i> must have existed, why do we not find them embedded in countless numbers in the crust of the earth?	Portanto, se considerarmos <i>cada espécie como descendente alguma [outra] forma desconhecida</i> , tanto o <i>ancestral</i> como as <i>variedades intermediárias</i> já devem ter sido exterminados, em razão do próprio processo de formação e aperfeiçoamento da <i>nova forma</i> . [...] Mas como esta teoria leva à suposição de que deva ter havido um número incontável de <i>formas intermediárias</i> , então por que tais formas não são encontradas em enormes quantidades, escondidas no interior da crosta terrestre?

Fonte: Darwin (1872, p. 172, grifo nosso)

O verbo *descender (to descend)* aparece aqui em sua forma nominal *descended*; que poderia ser traduzido no português pelo particípio do passado *descendido*. Entretanto, optou-se por traduzir esse termo usando o substantivo *descendente*, seguindo uma tendência em diversas traduções como a de Daniel Miranda (Darwin, 2018); Carlos e Anna Duarte (Darwin, 2014); Eugênio Amado (Darwin, 2002) e Ana Afonso (Darwin, 2009).

¹ Termo inserido na sexta edição.

A expressão *descendente* (*descended*) aparece logo na primeira frase do excerto; ela estabelece uma relação de sentidos com a expressão *cada espécie* (*each species*). A sentença tem a fórmula lógica $p \rightarrow q$ (se p então q); podendo ser reescrita por paráfrase como: “se cada espécie é descendente de *alguma outra forma desconhecida* (*some [other] unknown form*); então tanto o ancestral como as variedades intermediárias já devem ter sido exterminados”. Sendo que “cada espécie ser descendente de alguma outra forma desconhecida” é a condição suficiente p e “ancestral e as variedades intermediárias já terem sido exterminados” é a condição necessária q . Se a sentença p for verdadeira, a sentença q também será.

Vamos analisar as relações de sentido presentes em p . O pronome indefinido *cada* exerce a função de quantificador do substantivo *espécie*. Esse quantificador referencia os elementos individuais ou os grupos dentro de um conjunto, série ou totalidade das espécies em geral. A utilização desse quantificador implica uma abordagem individualizada, sugerindo que a afirmação se aplica a cada elemento dentro do contexto específico mencionado. Ele é empregado aqui para expressar uma generalização aplicável à totalidade dos membros de um conjunto, enfatizando a inclusão abrangente de todos os elementos considerados, podendo ser tomado nesse enunciado como exercendo a função de quantificador universal (\forall). É possível substituir *cada* por *toda* sem que a verdade da sentença se altere.

A expressão *cada espécie* funciona como um sintagma nominal (SN), sendo o núcleo desse sintagma o substantivo *espécie*. O verbo *ser* indica a relação de identidade necessária entre *espécie* e *descendente*. A expressão *forma* é modificada pelo quantificador particular *alguma outra* e pelo adjetivo *desconhecida*. Assim, temos a seguinte proposição “ $\forall x$ é descendente de $\exists y, x \neq y$, tal que y é não conhecido.” Se isolarmos o x , temos, por paráfrase, que x uma é *descendente de alguma outra forma desconhecida*. Podemos afirmar, nesse caso, que há uma relação de determinação de sentidos entre *toda espécie* e *descendente de alguma outra forma desconhecida*:

DSD 2
toda espécie descendente de alguma outra forma desconhecida

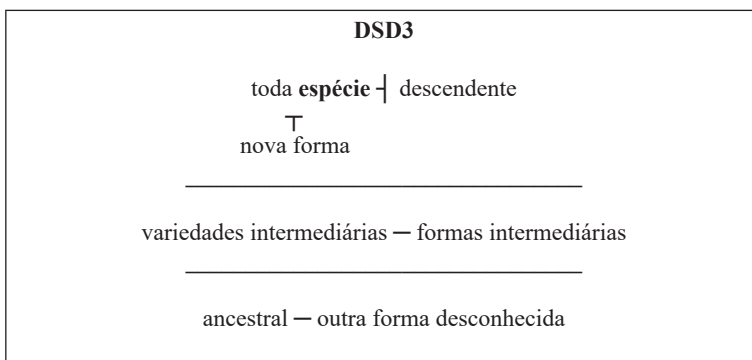
O que nos indica que não há espécie que não descenda de outra forma; a descendência é então uma condição necessária de toda espécie de acordo com o enunciado.

Passaremos agora a analisar a condição necessária q : “ancestral e as variedades intermediárias já terem sido exterminados”. O termo *outra forma desconhecida* – da sentença anterior – é retomado por substituição por *ancestral* (*parente*).

As expressões *variedades intermediárias* (*transitional varieties*) e *formas intermediárias* (*transitional forms*) também articulam sentidos com o termo *descendente*. As expressões *variedades intermediárias* e *formas intermediárias* aparecem em relação de sinonímia e seriam estágios entre *ancestral* (*parent*) de *nova forma*. No excerto 2, tanto *ancestral* como as *variedades intermediárias* são formas exterminadas durante

o processo de formação e aperfeiçoamento da *nova forma*. Tem-se as expressões *ancestral* (*parente*) e *nova forma* (*new form*) no singular e *variedades intermediárias* no plural. No processo de formação e aperfeiçoamento da *nova forma*, entre o *ancestral* e a *nova forma*, há não uma, mas diversas *variedades intermediárias*. O que indica que tal processo é lento e gradativo.

Nesse caso, podemos identificar que há uma relação de sinonímia entre *variedades intermediárias* e *formas intermediárias*, e que ambas juntamente com *nova forma* são hipônimos de *descendente*; já que todos são indivíduos modificados do *ancestral*. A palavra *ancestral* tem assim uma relação de antonímia com *descendente com modificações*, o que nos leva a considerar:



As expressões *variedades intermediárias* e *formas intermediárias* – ao contrário de *nova forma* – ainda não configuram uma *nova espécie*, conforme descrito nas primeiras linhas do Excerto 2. Pode-se perceber que o texto relaciona *ancestral* (*parent*) e *variedade intermediária* (*transitional varieties*) em relação de sinonímia e *nova forma* (*new form*) de antonímia. Ou seja, por paráfrase (e já traduzindo) podemos ter: “o processo de formação e aperfeiçoamento das *novas formas* está relacionado ao extermínio de *ancestrais e variedades intermediárias*”.

No mesmo capítulo, a expressão *formas intermediárias* (*transitional forms*) se articula com o termo *espécie* em outro enunciado:

Excerto 3

Original	Nossa tradução
[...] <i>why, if species have descended from other species by [insensibly]² fine gradations, do we not everywhere see innumerable transitional forms?</i>	[...] por que, se as espécies tendo descendido de outra espécie por pequenas gradações [imperceptíveis], nós não encontramos em todos os lugares numerosas formas de transição?

Fonte: Darwin (1859, p. 133)

² O termo *imperceptível* (*insensibly*) inserido no texto a partir da quarta edição.

Antes de iniciar a análise, será necessário fazer alguns comentários sobre a tradução dessa passagem. No excerto anterior, Darwin com a mesma palavra *descended* parece contemplar o sentido de *descender e diferenciar-se*. Em sua tradução da primeira edição, feita para a editora Itatiaia, em 1985, Eugênio Amado percebe essa dificuldade e opta por desdobrar o termo *descended* traduzindo o trecho mais livremente da seguinte maneira: “Já que as espécies *descendem* de outras, tendo-se *afastado* das ascendentes, de maneira gradual e imperceptível, por que não se encontram numerosas formas de transição pelo mundo afora?” (Darwin, 1985, p. 161, grifo nosso). O que também pode ser notado na tradução portuguesa de Ana Afonso: “Em primeiro lugar: se as espécies *têm origem* em outras espécies, e se isso *acontece* através de um processo gradual e sutil, por que razão não vemos por todo o lado inúmeras formas de transição intermédias?” (Darwin, 2009, p. 151, grifo nosso). Daniel Miranda, contudo, em uma tradução da primeira edição para a Edipro, opta por manter o texto mais próximo do original: “[...] em primeiro lugar, tendo em vista que as espécies *descendem* de outras espécies por pequenas gradações imperceptíveis, por que as inúmeras formas de transição não são encontradas em todos os lugares?” (Darwin, 2018, p. 183, grifo nosso).

As opções dos tradutores são uma evidência de que o sentido do verbo *descender* – quando enunciado relativamente às espécies –, na obra de Darwin, é percebido como processo. A articulação do verbo com o adjunto adverbial de modo *por pequenas gradações imperceptíveis* (*by insensibly fine gradations*) são uma indicação da maneira como esse processo se desenrola de modo gradual.

Nessa passagem, verificamos a distinção que existe entre *outras espécies e formas de transição*. Essa diferença se faz na medida em que as *formas de transição* são as *pequenas gradações imperceptíveis*, mas não a ponto de serem consideradas uma outra espécie. A expressão *formas de transição* é parte do processo de geração de uma espécie por uma série de *pequenas gradações imperceptíveis*.

A designação do termo *modificação* em sua relação com a expressão *lentas*

Em *A origem das espécies*, a expressão *descendência com modificações* (*descent with modification*), sem a palavra *lentas* (*slow*), é encontrada em todas as edições. Ela aparece dez vezes ao longo do texto da edição de 1872. Se a substituição de *descendência com lentas modificações* por *evolução* feita por Darwin na sexta edição tinha de fato uma razão de ser, pode-se inferir que a manutenção da expressão *descendência com modificações* também não é despropositada.

Depois de analisarmos o verbo *descender* seria conveniente delimitar a diferença que o termo *slow* confere ao significado global de *teoria da descendência com lentas modificações* que foi suprimido na sexta e última edição em favor do termo *teoria da evolução*.

Para agora demonstrar o que a palavra ‘lento’ (*slow*) significa dentro do texto, tomemos o seguinte excerto:

Excerto 4

Original	Nossa tradução
These several facts accord well with my theory, I believe in no fixed law of development, causing all the inhabitants of a country to change abruptly, or simultaneously, or to an equal degree. The process of modification must be extremely <i>slow</i> . The variability of each species is quite independent of that of all others. ()	Esses fatos diversos concordam bem com minha teoria, eu não acredito em nenhuma lei fixa de desenvolvimento, que faça com que todos os habitantes de uma região se transformem abrupta, ou simultaneamente, ou em um mesmo grau. O processo de modificação deve ser extremamente <i>lento</i> . A variabilidade de cada espécie é totalmente independente da de todas as outras.

Fonte: Darwin (1859, p. 314, grifo nosso)

Esse trecho constitui uma crítica de Darwin ao naturalista e zoólogo francês Georges Cuvier, que defendia que a extinção das espécies animais fósseis havia sido causada por uma série de catástrofes gerais que teriam periodicamente destruído as espécies vivas de cada espécie geológica, permitindo que Deus criasse novas espécies. Teoria combatida pelo geólogo e influência dos primeiros trabalhos de Darwin, Charles Lyell, que propunha a tese de que o estado atual da Terra não se deve a uma série de catástrofes, mas à ação lenta, gradual e insensível das causas que agem continuamente sob nossos olhos (Abbagnano, 2000, p. 121).

Antes de iniciar a análise, contudo, é preciso tecer mais uma vez comentários sobre uma opção na nossa tradução. Optamos por traduzir a expressão *to change* por *transformar*; enquanto a expressão *modification* foi traduzida por *modificação* – seguindo a tradução de Daniel Miranda (Darwin, 2018, p. 317) – para marcar a opção lexical de Darwin por empregar os dois termos, em lugar de *to modify* e *modification*. Eugênio Amado (Darwin, 1985, p. 254), ao contrário, emprega *modifiquem* para *to change* e *modificação* para *modification*. A opção de Amado não causa nenhum prejuízo para o entendimento geral do que está sendo dito, mas prejudicaria a acuidade de nossas análises.

O trecho apresenta duas teses distintas, que serão caracterizadas pelas diferenças semânticas entre os dois termos destacados anteriormente: *transformar-se* e *modificação*. A proposta é entender como esses dois termos são significados a partir das relações de contiguidades com os demais termos do excerto e elaborar um DSD de cada termo.

Primeiramente, vamos avaliar as relações de sentido entre os dois termos. Cada um deles direciona ideias opostas e antagônicas:

- a) Lei fixa de desenvolvimento, que faz com que todos os habitantes de uma região *se transformem* de forma abrupta, ou simultaneamente, ou em grau de igualdade.
- b) Processo de *modificação* extremamente lento, em que a variabilidade de cada espécie é totalmente independente da de todas as outras.

O que permite entender que as duas expressões estão em relação de antonímia.

A expressão *transformar-se* é introduzida no texto por aquilo em que o locutor *não acredito* (*I believe in no*), para em seguida apresentar o que *deve ser* (*must be*), no enunciado, a *modificação*.

Há uma opção por empregar o pronome de primeira pessoa do singular *eu* (*I*). Nas condições de produção da cena enunciativa, propostas por Guimarães (2002, p. 23, grifo nosso), os “lugares enunciativos são configurações específicas do agenciamento enunciativo para *aquele que fala* e *aquele para quem se fala*. Na cena enunciativa *aquele que fala* ou *aquele para quem se fala* não são pessoas, mas uma configuração do agenciamento enunciativo.” Ou seja, *aquele que fala* e *aquele para quem se fala* devem ser tomados como lugares que são constituídos por dizeres e não por pessoas “donas de seu dizer”.

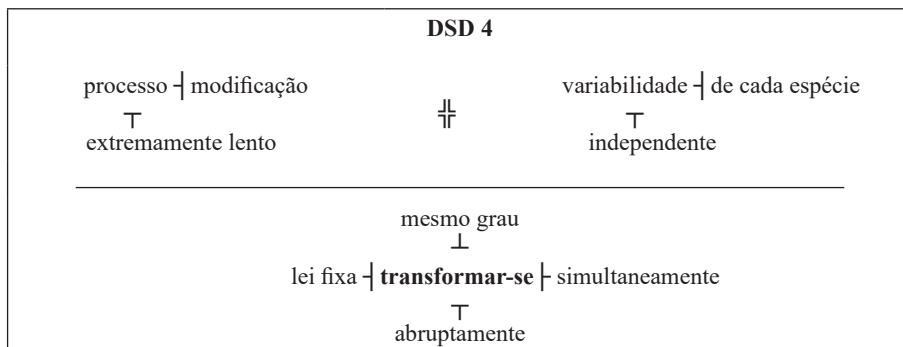
Nesse caso, o Locutor (com letra maiúscula) é o lugar de enunciação que, de acordo com Guimarães (2002, p. 23), “se representa no próprio dizer como fonte deste dizer”; já o lugar social do locutor, o locutor-x, é a condição de cientista ou naturalista, que propõe uma teoria de base científica.

Quando o locutor enuncia da posição social de cientista, o *transformar-se* é relacionado à crença – no caso descrença – por meio da expressão *não acredito*; em oposição *deve ser* relativo ao termo *modificação* em que a crença do locutor não é uma questão. Nesse contexto, a locução verbal *deve ser* (*must be*) reforça o modo imperativo de determinada condição: “O processo de *modificação* *deve ser* extremamente lento”. A expressão empregada serve para transmitir a ideia de necessidade, ou destacar a importância imperativa de que algo ocorra.

Na matriz de sentidos que condiciona os dizeres do campo científico, a crença é relacionada a convicções pessoais, subjetivas e emocionais. O emprego da primeira pessoa é uma marca textual dessa subjetividade. Essas marcas desaparecem quando o texto passa a se referir *ao processo de modificação*; aqui as expressões relativas à crença e à posição pessoal de quem fala são apagadas e não ditas. Aqui não há “eu acredito que”; “eu acho que”; ou “eu penso que”. Apenas a forma impessoal: *deve ser* (*it must be*).

O *transformar-se* recebe os seguintes advérbios e locuções adverbiais que determinam e qualificam o verbo: *abrupta*, ou *simultaneamente* ou, *em grau de igualdade*. Enquanto, *modificação* é *um processo extremamente lento*. Essa lentidão no processo de *modificação* implica que as alterações evolutivas são gradualmente acumuladas ao longo de períodos extensos. A expressão *modificação* estabelece uma relação de sentidos com a expressão *variabilidade*. Essa não é uma relação de reescrita de um

termo por outro, ou seja: não há uma relação de homonímia, sinonímia, hiponímia ou hiperonímia. O texto afirma que a *variabilidade* de uma espécie não está correlacionada ou influenciada pela variabilidade em outras espécies. Cada espécie segue seu próprio curso evolutivo independente, sem ser diretamente afetada pelas *modificações* em outras espécies. Há aqui uma correlação (que será marcada no DSD por $\frac{\perp}{\parallel}$), pois sem *modificação* não haveria *variabilidade*. Essa ideia se opõe à proposta desacreditada no texto de que o *transforma-se* seria um evento que ocorreria *simultaneamente* a todos os habitantes de uma região.



A *variabilidade* e o processo de *modificação* são elementos que se alinham à concepção de *descendência com lentas modificações*. *Variabilidade* se relaciona à diversidade dentro de uma população, enquanto o processo de *modificação* envolve as mudanças graduais ao longo do tempo.

É possível perceber que os termos *descender*, *modificações* e *lento* têm determinações de sentido similares ao termo substituído por *evolução*: *descendência com lentas modificações*.

Conclusão

Ao retomarmos o Excerto 1 apresentado inicialmente em nossa análise, no qual ocorre a substituição de *teoria da descendência com lentas modificações* por *teoria da evolução*, podemos perceber que já nele há uma oposição evidente entre *abrupto* e *lento*. A *teoria da evolução* é descrita no texto como um processo *lento*, contrariamente à ideia corrente no catastrofismo de que ancestrais geraram descendentes de modo *abrupto*. No mesmo trecho, Darwin afirma que considera fatal para a *teoria da evolução* que as espécies tenham surgido todas simultaneamente (como podemos perceber no excerto).

Prosseguindo na análise dos termos, pode-se inferir ainda que *teoria de evolução* e *teoria da descendência com lentas modificações* estão ligados ao surgimento de espécies, ao contrário de *teoria da descendência com modificação*, que não necessariamente gera uma nova espécie como pudemos demonstrar, mas – por vezes – uma “forma intermediária”. A “teoria da descendência com lentas modificações” é um processo que

ocorre de forma *lenta* e gradual; enquanto “teoria da descendência com modificação” também pode ser o evento em que um ancestral gera um descendente ligeiramente modificado, sem que este configure necessariamente uma nova espécie.

Com base no que foi anteriormente exposto, é possível afirmar que o termo *teoria da descendência com lentas modificações* empresta uma série de significados que designam “teoria da evolução”, como: a ideia da geração de uma nova espécie a partir de um ancestral por meio de um processo *gradual e imperceptível*; esse processo, por sua vez, pode ter de estar relacionado como a extinção também *lenta e gradual* do progenitor.

A troca de um termo por outro não deve ser entendido apenas como uma relação de sinonímia. Não podemos afirmar que *teoria da evolução* é simplesmente a reescritura de *teoria da descendência com lentas modificações*. Quando um termo dá lugar a outro na revisão de um texto, temos outro acontecimento enunciativo, que é marcado e determinado por condições sócio-históricas únicas e específicas.

A expressão *descendência com lentas modificações* está em consonância com a noção de que as alterações evolutivas ocorrem de maneira gradual e contínua ao longo das gerações, sem saltos abruptos. Essa abordagem está em acordo com a visão darwiniana da evolução, que destaca a importância da acumulação gradual de pequenas modificações ao longo do tempo como o motor propulsor da diversidade biológica.

Portanto, ao associar a variabilidade e o processo de modificação à ideia de *descendência com lentas modificações*, reforça-se a compreensão de um processo evolutivo gradual e progressivo.

MESQUITA, André Campos. Theory of descent with slow modification in darwin's on the origin of species: a semantic analysis. *Alfa*, São Paulo, v. 69, 2025.

- **ABSTRACT:** *This study aims to analyze the meanings of the term descent with slow modification in the book On the origin of species by means of natural selection by the british naturalist Charles Darwin through its Semantic Domain of Determination (SDD). This term was replaced by the expression theory of evolution in the sixth and final edition of the work, marking the only point where the word evolution replaces another term in the entire production of the English naturalist. The analysis of descent with slow modification and its replacement makes it possible to understand the determinations of meaning attributed to the Theory of Evolution in the book. Additionally, we will analyze the terms descendant, modification, and slow in the exact text to verify how these expressions function independently. The proposed analysis method is based on the Event Semantics, as developed by Eduardo Guimarães in his book Semântica do acontecimento (2002). In order to elucidate the slowly changing meanings of the term descent in the work, the intention is to examine its semantic-enunciative functioning and its relationship with other terms throughout the work.*
- **KEYWORDS:** *Descent with slow modification; Theory of evolution; On the origin of species; Charles Darwin; Semantics of the event.*

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins. Fontes, 2000.
- ALVES, I. M. Neologia e tecnoletos. *In*: OLIVEIRA, A. M. de; ISQUERDO, A. N. (org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998. p. 23-29.
- BAKHTIN, M. M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas: Pontes, 1989.
- DARWIN, C. **On the Origin of Species by Means of Natural Selection, or the preservation of favoured races in the struggle for life**. London: John Murray, 1859.
- DARWIN, C. **The Origin of Species by Means of Natural Selection, or the preservation of favoured races in the struggle for life**. London: John Murray, 1872.
- DARWIN, C. **A origem das espécies**. Tradução Eugênio Amado. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1985
- DUCROT, O. Enunciação. *In*: **Enciclopédia Einaudi**, Volume 2, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984. p. 368-393.
- FREGE, G. **Lógica e filosofia da linguagem**. São Paulo: Cultrix – EDUSP, 1978.
- GUIMARÃES, E. R. J. **Semântica do acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. Campinas: Pontes, 2002.
- GUIMARÃES, E. R. J. Domínio semântico de determinação. *In*: GUIMARÃES, E. R. J.; MOLLICA, M. C. **A palavra. Forma e sentido**. Campinas: Pontes, 2007. p. 79-96.
- GUIMARÃES, E. R. J. **Os limites do sentido. Um estudo histórico e enunciativo da linguagem**. Campinas: Editora RG, 2010.
- GUIMARÃES, E. R. J. **Análise de Texto. Procedimentos, análises, ensino**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.
- LALANDE, A. **Vocabulário técnico e crítico da Filosofia**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.
- RICHARDS, R. J. **The Meaning of Evolution: The Morphological Construction and Ideological Reconstruction of Darwin's Theory**. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

Recebido em 10 de março de 2024

Aprovado em 27 de maio de 2024